

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L732i

Lima, Fernanda Soares de

A importância da leitura na segunda fase do ensino fundamental / Fernanda Soares de Lima. – Guarabira: UEPB, 2011.

19f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Luana Francisleyde P. de Farias”.

1. Leitura 2. Formação 3. Ensino Fundamental
I. Título

22.ed. 372.4

FERNANDA SOARES DE LIMA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciando em Letras.

Aprovada em 06 de dezembro de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA

Luana Francisleyde Pessoa de Farias
Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias
(Orientadora - Presidente)

André Pedro da Silva

Prof. Dr. André Pedro da Silva
(Examinador 1)

Fabio Pessoa da Silva

Prof.
(Examinador 2)

Guarabira – PB

2011



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FERNANDA SOARES DE LIMA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SEGUNDA FASE
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Guarabira - PB

2011

FERNANDA SOARES DE LIMA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SEGUNDA FASE
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba -
Campus III, em cumprimento aos requisitos para obtenção
do grau de Licenciando em Letras.

Orientadora: Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de
Farias

Guarabira - PB

2011

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fernanda Soares de Lima¹

Prof.^a Ms. Luana Francisleyde P. de Farias (UEPB – Orientadora)

RESUMO

Ler é estimulante. Nada desenvolve mais a capacidade verbal e a de pensar que a leitura de livros. Na escola, adquirimos conhecimentos diversos, mas nada é comparado ao que se aprende de forma natural e sem custo através da leitura regular de livros. Nesse contexto, o presente trabalho destaca a importância da leitura no processo de formação do aluno no segundo ciclo do ensino fundamental e o papel da escola no que se refere ao processo da leitura. Ter a habilidade de atribuir sentido aos textos significa, inicialmente, compreender que ler é uma prática social que acontece em diferentes espaços e com características muito específicas: o tipo de conteúdo dos textos que nele circulam, os objetivos da leitura, os processos mais comuns, decorrentes dessas finalidades, os gêneros de textos. Baseamo-nos em Kleiman (1989, 2010), Lajolo (1982), Geraldi (2000, 2006), entre outros autores, os quais entendem a leitura como meio de aquisição de conhecimento e o leitor como indivíduo capaz de fazer uma leitura do mundo que o cerca, de seu tempo, de sua história. Os dados da nossa pesquisa foram coletados a partir de um questionário direcionado aos alunos do 6º, 7º e 9º ano. Ao fim constatamos que os alunos reconheciam o valor da leitura em sua vida e que por meio da pesquisa foi demonstrado que é possível ultrapassar as barreiras da leitura tradicionalista, por meio de práticas que privilegiam a leitura de acordo com a realidade, com as temáticas próximas às vivências dos alunos.

Palavras-chave: Leitura. Escola. Formação.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um momento onde são difundidas várias informações, em diversos âmbitos da nossa sociedade, culturais, educacionais entre outros, tornando-se imprescindível a leitura para que se tenha conhecimento sobre tais informações. Por isso, o estudante deve saber nesse contexto, agir criticamente, reformulando as ideias do texto baseando-se na sua competência leitora. Pois, por meio do desenvolvimento dessa competência, o conhecimento pode ser construído, porque favorecerá à formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres, assim capacitando-o a ampliar sua visão do mundo e de si próprio.

Sabemos que o ato de ler proporciona ao leitor uma prática social, uma vez que a

¹ Acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba e professora de Língua Portuguesa. Email: fsoareslima@hotmail.com.

aprendizagem deve favorecer a sua relação com o mundo. O vínculo dessa relação é uma linguagem que permite ao homem transformar sua realidade. Por isso, a preocupação diante da mera decodificação do texto lido, e a urgente necessidade de compreendê-lo, pois não se admite que, em contextos formais de aprendizagem, essa prática continue sendo repassada como uma atividade mecânica, sem busca de significados.

Sendo assim, faz-se necessário apresentar novas formas de abordar a leitura em sala de aula, tendo o professor a responsabilidade de mobilizar estratégias de leitura eficazes que despertem no alunado o prazer pelo ato da leitura. Daí, a importância desta pesquisa, em proporcionar uma reflexão sobre as questões relacionadas à leitura entre os alunos das turmas do 6º, 7º e 9º ano do ensino fundamental.

O presente artigo tem como ponto de partida uma problemática que vem sendo discutida há alguns anos por especialistas e professores em geral. Como a escola deve trabalhar a leitura dentro da sala de aula e quais metodologias adotar para seu desempenho? O que se entende por leitura e qual a sua contribuição à formação do cidadão?

Algumas possíveis hipóteses para tais questionamentos seriam: a escola deverá entender que o processo de leitura não se restringe à decodificação das letras e reconhecer que é de sua responsabilidade apoiar os alunos no ato de ler, dando-lhe condições propícias, que estejam ancoradas na realidade dos mesmos; fornecer livros, bibliotecas, brincadeiras, oficinas de leituras, enfim, adotar práticas atraentes, prazerosas, assim o aluno terá como desenvolver suas habilidades literárias e ampliar sua visão de mundo, desde que o educando seja orientado de forma adequada; vale lembrar que o apoio familiar é fundamental.

Objetivamos, portanto, com este estudo, verificar as concepções de leitura, investigar como está sendo realizado o processo de leitura em sala de aula, abordar a sua importância e apresentar propostas didáticas para se realizar a leitura em sala de aula. Esperamos colaborar para o sucesso tanto do educando quanto do educador, no que diz respeito ao ato de ler, suprimindo suas dificuldades e aperfeiçoando suas práticas de leitura. Enfim, esperamos contribuir para um melhor desempenho na leitura, instrumento fundamental na função da expressão linguística, necessária para a inclusão social

Baseamo-nos, para tanto, nos pressupostos teóricos observados em: Kleiman (1989, 2010), Lajolo (1982), Geraldi (2000, 2006), Silva (1998), os quais discutem vários aspectos relacionados ao ensino da leitura, entre eles, as concepções de leitura, a sua importância e o que é necessário para realizá-la com sucesso. Para esses autores, ler não é apenas passar os olhos perante as letras, e sim buscar novos significados para a leitura. É ativar os conhecimentos cognitivos, pois sem eles não haverá compreensão do texto. Debatem que ler

não é apenas decifrar as letras, é ir mais além da sua imaginação e da do autor. É por meio da leitura de textos que o leitor se socializará, sendo assim, a leitura é o ponto de partida, onde o leitor deverá interagir com as ideias do autor, salientando que a escola tem que adotar metodologias favoráveis ao alunado para que ele realize uma leitura com êxito.

Realizamos, para tanto, uma pesquisa de campo, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Papa Paulo VI, situada na cidade de João Pessoa/PB, a qual, por meio de um questionário, coletamos informações que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

Neste artigo, portanto, apresentará e discutirá sobre a leitura a partir dos seguintes pontos: o que é leitura, a leitura como processo cognitivo, o papel da escola e sua metodologia na prática de leitura e, por fim, a análise dos questionários respondidos pelos alunos do 7º, 8º e 9º ano da segunda fase do ensino fundamental da escola campo.

2 CONCEPÇÕES DE LEITURA

A leitura, antes, era uma forma de receber uma mensagem importante, mas contemporaneamente, ela não tem apenas essa função. A mesma além de ser uma forma de transmitir e adquirir informações, nos faz colocar em atividade nossos conhecimentos, nossas habilidades, nos faz pensar, imaginar, reconstruir significados, entre outras competências.

Ler é mais que decifrar letras, é saber usufruir das técnicas de leitura e buscar informações que lhe são necessárias; é saber interpretar o mundo relacionando o sentido do texto aos aspectos sociais, históricos e ideológicos; é saber explorar o interior, o que está implícito na mensagem escrita do texto e, a partir daí, interagir com o mesmo e com a sociedade. Assim, afirma Lajolo (1982, p. 59) que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhação, os sentidos do texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo com todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Quando estamos lendo, estamos nos confrontando criticamente com o texto e o com o autor e, conseqüentemente, com o meio social. Geraldi (2000) defende a leitura enquanto processo de interlocução entre o leitor/autor mediado pelo texto. Para ele, o leitor não é passivo, mas um agente que busca significações para entender o sentido do texto. Logo,

a possibilidade de adquirir sucesso na ação de ler é maior, pois, há uma interação entre os elementos textuais e os conhecimentos do leitor. Assim, a leitura vai mais além, uma vez que o leitor deixa de ser um simples decodificador e receptor passivo, passando a assumir um papel atuante no mundo da leitura.

O ato de ler acontece no momento em que o texto desperta interesse nos leitores, tornando-se significativo para estes; acontece quando os mesmos passam a fazer ligações entre o texto e as experiências vividas, dali podendo realizar várias e sempre novas interpretações. Acontece quando formulamos percepções que temos do nosso cotidiano: da pregação de um pastor, quando nos transmite as palavras da Bíblia; das conversas entre amigos; da fala do professor; da interpretação de um filme etc.

Vale salientar que a leitura enfatizada neste trabalho será a leitura do texto escrito e que para realizá-la não basta apenas ler, decifrar as palavras, uma vez que ler compreende várias etapas, uma delas é, antes de qualquer coisa, um processo de percepção, em que ocorre o reconhecimento de símbolos gráficos e a outra, conseqüentemente, é o momento em que o leitor desenvolve seus conhecimentos intelectuais, assim compreendendo o texto. Essa atividade vai ganhando intensidade, à medida que o indivíduo vai ativando suas ideias e relacionando-as com as do texto. Daí constata-se que a leitura não abrange apenas a compreensão das palavras escritas e ideias explícitas no texto, mas a interpretação e expectativa do sujeito/leitor, suas inferências e motivações.

O ato de ler requer conhecimento, percepção e atenção, é onde o leitor se confronta com novas informações e constrói as suas. Constata-se que a leitura é um processo de conscientização e interação do leitor, por isso, para se realizar uma leitura é preciso que o leitor ative seus conhecimentos construídos ao longo de sua vida, o conhecimento prévio, conhecimento este que será abordado no capítulo posterior.

3 A LEITURA COMO PROCESSO COGNITIVO: COMPREENDENDO O SENTIDO DO TEXTO

Para Kleiman (2010), a leitura é um processo cognitivo, processo este que envolve os aspectos atrelados à relação leitor e texto, entre a linguagem escrita e compreensão, pensamento, memória e inferência. Tratando-se de leitura como processo cognitivo, é sabido que nele, a ideia ou a imagem que concebemos do mundo, ou de qualquer coisa, é colocada em ação.

Por isso, que, para se compreender o texto, é imprescindível a ajuda do conhecimento prévio, aquele acumulado na mente do sujeito-leitor no decorrer de sua vida. Tal conhecimento é dividido em três tipos: o conhecimento linguístico, refere-se ao conhecimento implícito, não verbalizado, ao domínio da língua; o textual, refere-se ao reconhecimento da estrutura textual, ou seja, ao gênero em que se enquadra: a narração, a argumentação; e, o terceiro e último o de mundo. Este por Sua vez é aquele adquirido durante o decorrer da vida, que é ativado durante a leitura, ajudando o leitor a compreender as informações extraídas do texto. Como afirma Kleiman (1989, p. 13), “[...] sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão”.

Independentemente do objetivo da leitura e do tipo de tarefa, os leitores utilizam táticas de leitura, ações tanto conscientes, quanto automáticas, as quais podem ser respectivamente, cognitivas (operações da nossa mente) e metacognitivas (de domínio do consciente, controla nossa cognição, nosso conhecimento) assim, se familiarizando e construindo o sentido do texto. Daí constata-se que para praticar leitura exigem-se diferentes competências.

No momento em que o leitor utiliza estratégias cognitivas e metacognitivas, ele está ativando seus conhecimentos, determinando como o texto será entendido. Vale destacar uma das estratégias bastante utilizadas no ato de ler, a inferência, em que ocorre a ativação dos esquemas do leitor, baseando-se no conhecimento prévio, e o entendimento sobre o que está implícito no texto.

Segundo Koch e Travaglia (1993, p. 70), inferência é “aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explícita no texto, entre dois elementos desse texto”. Tal estratégia permite ao leitor “construir novas proposições a partir de outras já dadas”. Assim, afirma Marcuschi (1984, p. 25), permitindo ao mesmo construir novas hipóteses a partir de outras presentes no texto.

Outra estratégia cognitiva é a previsão, ela incide na capacidade do leitor identificar o que está por vir na leitura. Kleiman (2010) define também a leitura como um processo interativo, pois o leitor utiliza diversos níveis de conhecimentos, o prévio, que interage entre si e é a partir desta interação que o leitor conseguirá compreender e construir o sentido do texto. Mas os leitores não nascem com habilidade de compreendê-lo. Tal habilidade vai evoluindo no decorrer do desenvolvimento mental do indivíduo, porque é o que vai permitir ao leitor selecionar, acionar e ordenar as informações em sua mente.

Assim, o mesmo irá adquirir maturidade na leitura a partir de sua intimidade com o texto, com vários livros. É como relata Lajolo (1993, p.15), “Leitor maduro é aquele para

quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”.

O entendimento de um texto é o resultado da união entre a informação, desde antes, já armazenada e aquela que é apresentada no texto. Diante disso, constata-se que, para compreender e construir o significado de um texto escrito, o leitor utiliza um grande número de processos cognitivos. Mas o que acontece muito no processo de leitura é que o leitor, ao se deparar com o texto, constrói e formula suas ideias, tentando buscar pistas, rejeitando conclusões do autor. Desta maneira, o leitor não obterá êxito no processo de leitura, porque não conseguirá se envolver com o autor, nem aceitar e entender ao menos suas ideias. O leitor tem que ter autonomia, mas deve interagir com as informações do autor, pois de acordo com Silva (1998, p. 65):

Ao invés de ir pensando junto com o autor, como ao falar, quando podemos até suprir a palavra que o nosso interlocutor tem na ponta da língua, o leitor fica ensimesmado em seus próprios pensamentos, escutando apenas a sua voz interior, e depois atribui ao autor informação e opiniões consistentes com suas crenças e opiniões, apesar de o texto apresentar elementos formais que não permitiriam essa conclusão.

Segundo Silva (1998), tanto o autor, quanto o leitor, são igualmente responsáveis pelo ato de ler. O primeiro deve esclarecer suas informações e, além de tudo, deve ser relevante, pois assim estará cumprindo com seu dever, facilitando ao leitor a reconstrução do texto lido.

Mas isso não quer dizer que o autor sempre tenha a precisão e obrigação de esclarecer suas ideias e simplificar a leitura para o leitor. Pois, este deve colocar em prática seus conhecimentos e tentar compreender o texto. Assim, criando expectativas, acreditando que no texto há sempre uma informação saliente do autor.

Caso o texto apresente complicações que interfiram no seu entendimento, cabe ao leitor desvendá-las, utilizando seus conhecimentos cognitivos, e não ignorá-las, ficando restrito às suas próprias ideias, o que dificulta a compreensão de texto. É como afirma Kato (1985, p. 67):

[...] Daí a incompreensão do texto escrito ser um fenômeno freqüente, e daí também a insistência na responsabilidade maior de leitor e autor, responsabilidade esta que, para o caso do leitor, consiste em releituras, análise de palavras e frases, inferências, ativação de conhecimentos e, para o autor, consiste em mapear claramente as pistas que permitam uma reconstrução do significado e da interação comunicativa.

O texto deve proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto, da realidade do sujeito-leitor, pois assim ele irá se situar e se envolver com o texto, este, assim se tornará significativo para o mesmo.

Além da escola, a família é um dos agentes responsáveis pela conexão da criança com o processo de aprendizagem. Mas é a escola quem mais contribui ao bom desenvolvimento das habilidades de leituras, pois cabe a mesma estimular e facilitar para seus alunos o trabalho com a leitura, capacitando-os satisfatoriamente a praticá-la, cabendo a escola promover atividades em grupo, de forma que estimule o relacionamento, a participação ativa do alunado e o faça entender o significado da leitura em sua vida.

4 O PAPEL DA ESCOLA E SUA METODOLOGIA NA PRÁTICA DA LEITURA

A escola é uma das bases para a construção e para o aprendizado da leitura, ela exerce forte influência no meio, no que se refere ao processo de aprendizagem. Faz-se necessário à escola trazer, para o âmbito de aprendizagem elementos que norteiam as práticas sociais das leituras do educando. Cabe a esta a responsabilidade de garantir ao alunado o acesso aos saberes necessários a sua formação.

Solé (1998) ressalta que um dos múltiplos desafios de uma instituição escolar é fazer com que os alunos aprendam e leiam corretamente, já que a partir da leitura é que o leitor irá adquirir sabedoria para agir com autonomia nas sociedades letradas, ficando em desvantagem aqueles que não conseguem realizar leitura.

Como foi visto, é responsabilidade da escola formar o indivíduo, pois, é a partir da leitura de textos, que a escola forma leitores críticos aptos a exercerem várias atividades de expressão, especificamente, na escrita e na leitura. Como confirma Geraldi (2006), o texto é o ponto de partida e também ponto de chegada, lembrando que o texto é uma unidade completa de sentido, é um produto inacabado.

Para adquirir sucesso, no que diz respeito à leitura, deve toda a comunidade e os pais, juntamente com o professor e com a escola, reconhecerem, com seriedade e com compromisso, a importância de livros e da leitura na formação cultural e social de um ser, pois todos colaboram para o desenvolvimento mais eficaz da linguagem e da personalidade do leitor.

Também é necessário que a escola avalie com cautela o desempenho das habilidades dos alunos, no que se refere à leitura, verificando se estão desempenhando-a adequadamente;

quais as barreiras que os impedem de realizá-la; que adote medidas cabíveis de avaliação, que tanto beneficie o aluno, quanto o professor e que busquem soluções e alternativas para a melhora de tal desempenho, assim dando coerência à ação docente. Segundo Indursky e Zinn (1985, p. 23),

A leitura proposta pela escola é uma leitura mecânica, padronizadora, linear, realizada apenas em nível de identificação. Visto sob este prisma, a leitura não é fonte de prazer nem se reveste de significância para o universo do educando e, na relação professor/aluno, ela reproduz a atitude autoritária e de dominação existente na sociedade.

Sendo assim, a leitura será um processo acabado, em que o aluno, sem oportunidade de expressar suas ideias, não sentirá prazer e nem encontrará significado durante a leitura, apenas atenderá as exigências de seu professor. Vale lembrar que dessa forma não haverá interação entre o aluno e o professor, pois este estará reproduzindo autoridade e domínio no meio em que vive.

A escola deve realizar práticas de leitura, enquanto processo de descoberta e atribuição de sentidos, permitindo a interação do leitor com a sociedade, com o mundo. Desta forma a leitura não se limita à decodificação pura da linguagem escrita, mas ela adianta e se desdobra na leitura de mundo. De acordo com Paulo Freire (2001, p. 11): "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele". Por isso, a escola deve discutir e planejar as práticas para serem desempenhadas no processo de leitura.

Lembrando que não se deve praticar leitura centrada na decodificação, mas sim por meio de imagens, textos escritos, por meio da interação com pessoas alfabetizadas, pois só assim o leitor terá a oportunidade de descobrir, compreender e desempenhar suas competências linguísticas, conseqüentemente, as que se referem ao processo de leitura.

Ao analisar que ler é construir sentidos, há a necessidade da criação de situações de ensino que estimulem a compreensão e interpretação do que é lido. Longe de considerar a leitura, basicamente, como uma atividade de cópia ou como decodificação de sinais gráficos, o que torna o ato de ler um processo mecânico, enfadonho.

É fácil investigar a presença da leitura no âmbito escolar, difícil é debater como ela está sendo desempenhada, se existem condições que instigam os leitores a praticá-la com prazer e satisfação. Por essa razão, é necessário chamar a atenção para algumas características

que norteiam a prática do ato educativo: Para quem ensino? Por que ensino? O que pretendo atingir? O que ensino? Como ensino? Para quê e para quem colaborará meu ensino?

Ninguém gosta de fazer algo que sente dificuldades. O leitor encontra obstáculos no ato de sua leitura, diz que a leitura não lhe servirá, pergunta para que ler o texto proposto pelo professor, mas constatamos que a principal dificuldade é a timidez e a falta do hábito de ler. Por isso é imprescindível a intervenção do educador em tal procedimento, pois ele deve estimular o alunado a praticar leitura, abordando a sua importância e investigando a causa da deficiência, se existir, porque o gosto pela leitura só irá existir se o professor estimulá-lo a praticar tal ato e é lógico que, primeiramente, o próprio professor para formar leitores tem que sentir desejo e prazer pela leitura e propor textos que se entrelacem na realidade do alunado.

Porém vale ressaltar que a intervenção não venha resultar na anulação e/ou no fracasso do desenvolvimento da criatividade, dos conhecimentos dos leitores e o professor deve estar pronto para agir com a realidade e com os desafios que surgirão e não ficar preso a um ensino limitado e fazer o aluno de refém a sua metodologia repressiva, em que aceita e repassa apenas as informações previsíveis, únicas do texto.

As leituras propostas pelo professor, o agente mediador, devem estar de acordo com a capacidade intelectual, com a idade dos alunos e também com a própria sensibilidade do agente mediador. Este deve ler os textos antes de serem passados para a turma, para que possa então fazer suas amplas leituras e transmitir com firmeza seus conhecimentos e a influência da leitura em sua vida, quem sabe assim os alunos se espelhem no professor e despertem o desejo de praticá-la sem obrigação. Assim terá êxito em seu trabalho, pois possibilitará o alunado, a partir da leitura, criar condições em que o mesmo possa colocar em atividade sua sensibilidade para perceber e compreender melhor o mundo.

De acordo com Zilberman e Silva (2005), é fundamental que o educador antes de selecionar e trabalhar os textos em sala de aula investigue e conheça gostos, temas de interesses da turma e a partir daí desenvolver atividades, inovadoras e atrativas, por exemplo:

- leitura a partir de um conto, de uma música;
- levar recortes de jornais e de revistas, para fazer leitura e escrita e depois debater o que entenderam;
- produção escrita de histórias escolhidas pelos próprios alunos;
- leitura em voz alta, permitindo que o aluno faça antes uma leitura silenciosa, para se familiarizar com o texto e não se sentir constrangido;

- dar condições de produção de textos no cotidiano e na sala de aula para os alunos;
- realizar leituras e comparações cordéis e músicas, que contenham a mesma temática social;
- leituras de contos e depois fazer encenações;
- apresentar o gênero e email e sua função social, depois pedir a turma que o reproduza-o em gênero carta;
- textos com caça-palavras;
- textos com rimas, seguido de dinâmicas, brincadeiras como a forca, para adivinhar as palavras contidas no textos;
- praticar leitura com frequência etc.

A prática de leitura com assiduidade é uma proposta que facilitará ao leitor relacionar a leitura com a sua realidade e com a dos outros sujeitos. Como foram mostradas, são inúmeras as formas de envolver os alunos em práticas de leitura na escola. O educador deve aceitar as ideias e conhecimentos dos alunos que surgem no momento dessas atividades.

Mas a realidade é que, geralmente, a escola não dá oportunidades ao aluno para que ele realize o ato de ler com um objetivo específico. Uma parcela dos professores ainda utiliza a leitura apenas como pretexto para a elaboração de resumos, redações, para análise gramatical, e até como punição, adotam metodologias que não priorizam o desenvolvimento da capacidade de compreensão do alunado, ao contrário, adotam atividades que inibem as habilidades deste. A leitura é feita superficialmente, mecanicamente, não tendo significado algum para o leitor. Quando se trata do desempenho da leitura, a escola geralmente se restringe aos livros didáticos.

O estabelecimento de objetivo e a formulação de hipóteses são atividades de grande importância, pois contribuem para que ocorra a compreensão de um texto escrito. Vale lembrar que tais atividades exigem reflexão e controle consciente sobre o próprio conhecimento, sobre o próprio potencial.

Segundo Kleiman (2010), é fundamental a explanação do propósito de qualquer leitura, mesmo que o texto se encontre em uma conjuntura desapropriada e que não tenha sentido algum para o leitor. Este, ao estar sujeito a uma leitura sem saber para quê e o porquê vai ler artificialmente, apenas passará os olhos sobre o texto, pois não terá expectativa alguma sobre ele, a não ser descobrir por que está realizando tal leitura. Ao contrário do que

aconteceria se, antes do ato de ler, fosse transmitido ao aluno o objetivo da leitura, o aluno já iria lendo desvendando o texto, fazendo anotações, enfim, realizando uma leitura completa e com propósito, buscando informações precisas e necessárias.

Vale ressaltar que algumas peculiaridades do leitor irão intervir no ato de ler, portanto devem ser levadas em consideração, por exemplo, a experiência, idade, posição social, o seu contexto histórico, toda sua história de vida. No processo da leitura deve haver pluralidade, múltiplas interpretações, pois cada leitor interpreta, interage diferentemente com o texto. Como esclarece Koch (1987, p. 160), "Assim, nas aulas de leitura, é importante conscientizar o aprendiz da existência, em cada texto, de diversos níveis de significação, isto é, cumpre mostrar-lhe que, além da significação implícita, muito mais sutil, diretamente ligada à intencionalidade de emissor"

As dificuldades de leitura dos alunos podem ser superadas por meio de condições criadas pelo educador, e este deve saber que compreender um texto é um processo particular, pois cada leitor possui suas peculiaridades, usa suas habilidades, desenvolve seus conhecimentos de forma e momentos diferentes, uns já possuem uma carga experiencial, o que vem colaborar para o mesmo inferir o texto, e outros não. Por isso, o professor deve penetrar no mundo de cada um de seus educandos, embora seja uma tarefa complicada, mas não impossível, para evitar o insucesso no procedimento da leitura.

5 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Papa Paulo VI, na cidade de João Pessoa/PB, tendo como sujeitos três alunos do ensino fundamental, que responderam cada um, a um questionário referente à leitura. Sobre a concepção do que vem a ser leitura e de sua importância. Os alunos responderam todos sobre um mesmo ponto de vista, porém tenham usados diferentes termos.

Aluno 1: "se eu ou você não ler vai ficar sem imaginação". Embora não tenha dito com clareza, o mesmo entende que leitura é uma fonte de inspiração, de imaginação. De acordo com a informação, dada pelo informante, é importante ler, pois é onde: "aprendo novas coisas." Os livros que costuma ler são os de "literatura, romances, gibis e histórias em quadrinhos".

Aluno 2: entende que leitura é um meio de "adquirir conhecimento". O mesmo diz gostar de ler textos religiosos, gibis e romances, pois são os que mais lhe atraem. Porém, os

que mais lê com frequência são os didáticos de português. Para o referente aluno, o ato de ler é importante, pois, se obtêm conhecimento, o mesmo confirma que é importante ler “porque adquirimos conhecimentos”.

Aluno 3: Compreende leitura como meio de aprendizagem. O A3 entende que a leitura “é onde nós entendemos o texto, onde nós aprendemos”. O A 3 gosta de ler, pois lendo é que se aprende: “lendo aprendemos várias coisas”. Mas o texto que lê na escola nem sempre o agrada, “são muito chatos”. Porém, os lê, pois reconhece que assim aprende mais. E o que costuma ler são os didáticos e os de romance.

De acordo com as informações obtidas destes três alunos fica claro, a importância de ler, ao afirmar que esse ato permite a obtenção de conhecimento e o acesso às novas informações difundidas no mundo. E vale destacar é que eles, em suas concepções sobre leitura, compreendem que ler não é se deter ao simples ato de reconhecer as letras, entendem que a leitura possibilita ao leitor, imaginar, criar e recriar novas imagens, novas leituras do texto, novos significados. Ao que se refere ao gosto pela leitura e sobre as aulas que os envolvem, os alunos 1,2 e 3 disseram que gostavam de ler e gostavam das aulas de leitura, embora que nem sempre os agradassem. Os alunos não se sentem satisfeitos com as aulas que lhe são proporcionada leitura.

Aluno 1: diz que as aulas de leitura que lhe são proporcionadas são “interessantes e divertidas”, também diz gostar dos livros que ler nessas aulas. Mas, segundo o A1, o professor deveria melhorá-las, selecionando bem os textos e inovando sempre sua metodologia. Pois, dessa maneira, o aluno sentirá interesse e o ato de ler se tornará algo mais espontâneo, prazeroso e não um ato obrigatório, enfadonho.

Aluno 2: ao que diz respeito às aulas que envolvem o ato de ler, as considera ótimas, entretanto não se sente satisfeito com os textos que lê na escola, acha-os um “pouco sem sentido”. Nesse momento, observamos que sua opinião é contraditória, porque, segundo o educando, as aulas são ótimas e, ao mesmo tempo diz que os textos não têm muito sentido. Talvez a metodologia de desenvolver este trabalho seja bem dinâmica, o que pode explicar o seu gosto pela aula, mas o conteúdo fora de sua realidade, de seu interesse. Por fim, o A 2 citou uma alternativa para tornar a aula interessante, melhor, sugeriu que fossem trabalhados textos em forma de piada.

Aluno 3: quanto às aulas de leitura, diz que nem sempre o agrada “às vezes são boas, às vezes são ruins”. Em sua casa há livros de romance, os didáticos entre outros. O aluno diz já ter lido “uns cinco livros”, e o que mais gostou foi “Ps: eu te amo”. Ele citou uma alternativa muito interessante para melhorar as aulas de leitura: realizar brincadeiras,

dinâmicas para que assim sintam-se menos envergonhado e livre para interagir no ato da leitura com êxito.

Os alunos não se sentem satisfeitos com as aulas que realizam o ato de ler, até gostam, mas sentem a necessidade de melhorar, como já foi dito anteriormente. Uma explicação talvez para isso, seja o conteúdo, a escolha dos textos, que não respondem às necessidades do educando. Segundo Zilberman e Silva (2005), é fundamental que o educador, antes de selecionar e trabalhar os textos, investigue e considere o contexto, a realidade em que o aluno se encontra inserido. Pois, assim o professor estará dando oportunidade, dando condições para que o aluno se desenvolva, expresse seus conhecimentos e participe de tal ato com prazer e satisfação. Vale salientar que outros fatores também influenciam no processo de leitura, como, por exemplo, o apoio familiar. Mas, infelizmente, nem sempre isso acontece.

Sobre o grau de escolaridade e o incentivo dos pais aos seus filhos, destinados à leitura, os alunos responderam sem receio.

Aluno 1: afirma que seus pais são alfabetizados e lhe incentivam a ler comprando livros, além de citar alguns dos livros que tem em sua casa, “Sítio do Pica-pau-amarelo e Uma professora muito louca”. O A1 afirmou ter lido outros livros além dos que citou. Porém, a leitura que mais gostou foi a leitura do livro, “Uma professora muito louca”.

Aluno 2: disse que seu pai é alfabetizado, mas sua mãe não. Segundo ele, ambos o incentivam a ler dizendo que a leitura é uma forma de se obter mais conhecimento. Em sua casa, há livros e, como exemplo, citou uma enciclopédia e romances. O A 2 disse ter lido vários livros e o que mais gostou foi “A Cabana”.

Aluno 3: afirma que seus pais não são alfabetizados, o que pode colaborar com o mau desempenho de leitura do aluno. Mas, mesmo não tendo grau de escolaridade, seus pais, abordam a importância dos seus estudos. Em sua casa, há livros de romance, didáticos, entre outros. O aluno diz já ter lido “uns cinco livros”, e o que mais gostou foi “Ps: eu te amo”.

Observamos nos relatos, que o incentivo dos pais é outro fator que contribui ao ato de ler do indivíduo. Mas nem sempre os pais são alfabetizados, nem tem conhecimento para educar seus filhos no que se refere à leitura. Porém, reconhecem a importância dos estudos, da leitura para seus filhos. De acordo com as informações colhidas pelo aluno 1, pelo aluno 2 e pelo aluno 3, nem todos têm pais alfabetizados, mas não os impedem de apoiá-los, de incentivá-los a ler e buscar sempre conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é indispensável em nossa vida, quem não ler não terá muita habilidade no processo de aprendizagem, de socialização, não enriquecerá seus conhecimentos.

Visto que a leitura é fundamental ao educando, devem os professores dar importância e saber lidar com o desempenho do ato de ler. Mesmo sabendo ele que é responsável por tal ato, isso não é suficiente. Cabe, então, demonstrar, primeiramente, prazer, interesse, compromisso e domínio ao desenvolver o trabalho com a leitura, pois assim despertará o mesmo em seu alunado.

De acordo com a pesquisa realizada confirmamos que ensinar a ler, despertar o gosto do aluno para a leitura é difícil, mas não é impossível basta que o professor reconheça a importância da leitura e reconheça que é necessário fazer uma reflexão diante de sua metodologia no que se relaciona à leitura, assim adotando práticas inovadoras condizentes com as vivências do alunado e estimulando-o a praticar uma leitura prazerosa. Vale lembrar que o professor tem que investigar o seu alunado, no que se refere à leitura, qual o tipo de texto que prefere ler, como optaria por uma aula proveitosa, dinâmica.

Por meio das informações dadas pelos três alunos, pudemos comprovar a necessidade de estimular o alunado a ler com prazer, pois notamos que eles sentem-se carentes, insatisfeitos com as atividades de leitura, e, a necessidade também de fazer uma reflexão sobre as práticas adotadas pelo educador para desenvolvê-la. Os três alunos, entrevistados, demonstraram entender a leitura com um processo de aquisição de conhecimento, também demonstraram que gostavam de ler os textos disponibilizados em sala de aula, não lhes tinham sentido, nem sempre os agradava. Logo não se sentiam satisfeitos com as aulas de leitura, Quanto ao incentivo dos pais ao hábito de ler, os informantes afirmaram ter apoio deles, embora nem todos os pais fossem alfabetizados.

Vale salientar que os professores devem dar oportunidades ao aluno, proporcionando atividades atraentes que ele possa criar, descobrir novos significados. Os educadores devem considerar e entender as suas dificuldades, sua realidade, lembrando que o ato de ler não pode se deter na simples decodificação das letras, mas deve expandir-se e concentrar-se na complexidade que vem a ser leitura, onde o leitor deve ter a capacidade de dividir com o autor um amplo nível de comunicação intelectual, filosófica e emocional.

Assim, nessa comunicação, interação, o aluno em cada leitura realizada deve protagonizar um espetáculo de descoberta e emoções. Logo, fica comprovado que a leitura é e sempre será fonte de inspiração, sabedoria e conhecimento.

ABSTRACT

Reading is exciting. Nothing more developed verbal skills and to think that reading books. At school, we have acquired many skills, but nothing compared to what is learned naturally and without cost through regular reading of books. In this context, this paper emphasizes the importance of reading in the process of training the student in the second cycle of basic education and the role of schools in relation to the reading process. Having the ability to assign meaning to the text means, initially, to understand that reading is a social practice that happens in different places with very specific characteristics: the type of content of texts circulating in it, the goals of reading, the most common processes arising these purposes, the genres of texts. We rely on authors in Kleiman (1989, 2010), Lajolo (1982), Gerald (2000, 2006), among others, who understand reading as a means of acquiring knowledge and the reader as an individual capable of reading one of the world the fence of his time in its history. Data from our study were collected from a questionnaire given to students from 6th, 7th and 9th grades. When we realized that students recognized the value of reading in your life and that through research it was shown that is possible to overcome the barriers of traditional reading, through practices that focus on reading in accordance with reality, with the upcoming topics the experiences of students.

Keywords: Reading. School. Formation

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília. MEC/SEF, 1997.

GERALDI, João W. (Org). *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *O texto na sala de aula*. 4^a ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOODMAN, Kenneth S. Unidade na Leitura: Um modelo psicolinguístico transacional. In: *Revista Letras de hoje*, nº 26, 1991.

INDURSKY, Freda e ZINN, Maria Alice Kaner. Leitura Como Suporte Para a Produção Textual. *Revista Leitura Teoria e Prática*, Nº 5, ANO.

KATO, Mary. *O Aprendizado da Leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor*. Aspectos cognitivos da leitura. 2^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. *A Coerência Textual*. 17^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz A. *Leitura como Processo Inferencial num Universo Cultural-Cognitivo*. Encontro Interdisciplinar de Leitura I, Londrina/PR, 1984.

ORLANDI. Eni Pucceneli. *A Leitura e os Leitores*. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 2003.

SILVA. Ezequiel da. *Elementos da Pedagogia na leitura*. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 1998.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Tradução Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (Orgs.). *Leituras: perspectivas interdisciplinares*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Ática.